

## INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA URBANA DE 1993 NA FUNDAÇÃO RICARDO ESPÍRITO SANTO SILVA/ LARGO DAS PORTAS DO SOL (LISBOA): AS EVIDÊNCIAS DO PERÍODO ROMANO.

**RODRIGO BANHA DA SILVA**<sup>1</sup> ARQUEÓLOGO. TÉCNICO SUPERIOR DO CAL-DPC-CML. DOCENTE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA FCSH-UNL. INVESTIGADOR INTEGRADO DO CHAM-FCSH E UAÇ.

### Resumo:

O conhecimento de *Olisipo* (Lisboa) durante o período romano republicano conheceu na última década uma profunda alteração nos seus contornos. O aumento do número de elementos empíricos colectados e tratados, incluindo pontos arqueológicos, contextos, estratigrafias e objetos, resultou da prática regular de trabalhos ocorrida desde meados da década de 1990, verificando-se contudo um desfasamento entre o número de elementos e a respetiva publicação.

No caso presente, procede-se à revisão crítica e compulsão dos elementos de cronologia romana recolhidos no espaço do Museu Nacional de Artes Decorativas/Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, uma intervenção de emergência dirigida por Dias Diogo em 1993, sucessivamente divulgada publicamente, especialmente no que respeita a um relevante contexto relacionado com os primeiros momentos da conquista e romanização do aglomerado da Idade do Ferro.

### Summary:

In the last decade the state of the art about *Olisipo* (Lisbon) during roman republican period changed dramatically. The number of studied and published empirical data increased, including sites, contexts, stratigraphy and artifacts, as a result of the archaeological work carried out in the modern town of Lisbon. Nevertheless, and as one could expect, a gap can be observe between the numbers of excavations and respective publication.

In the present case, the data collected in an excavation carried out in National Museum of Decorative Arts/Ricardo Espírito Santo Silva Foundation in 1993, under the responsibility of Dias Diogo, was critically revised and displayed. This includes an important context dating from the first moments of the roman conquest and “Romanization”, which was publically presented orally in several occasions, although remained unpublished until the

present moment.

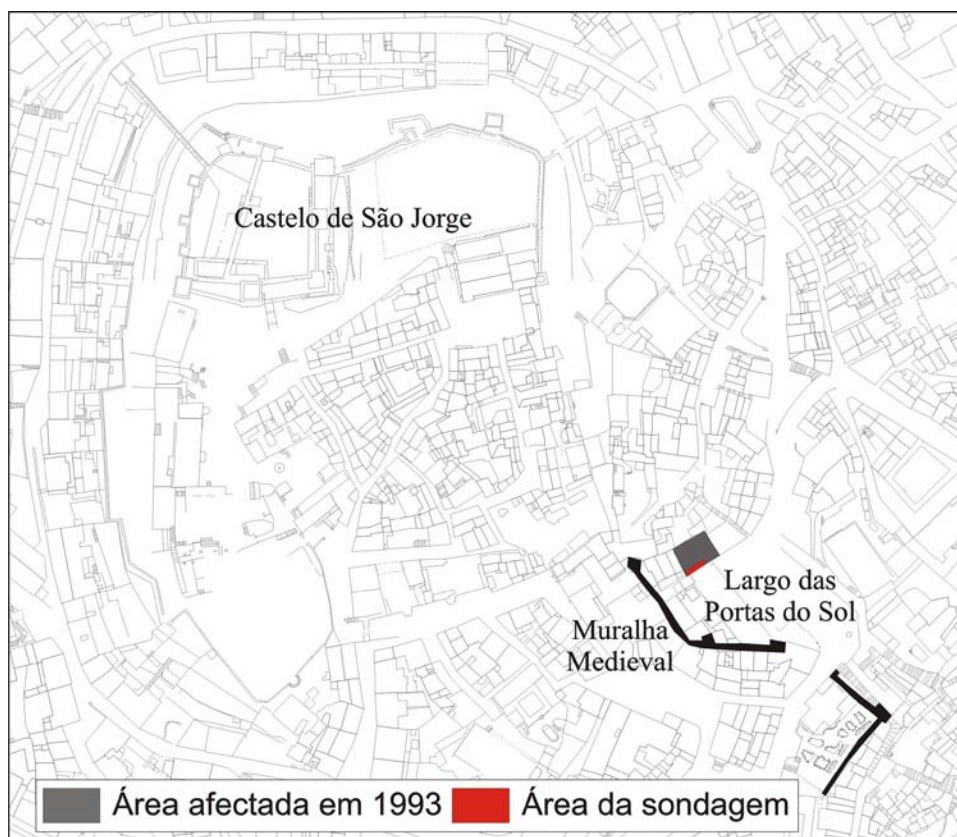
## 1.Introdução.

Em 1993, o antigo Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (adiante I.P.P.A.R.) promoveu uma obra de ampliação das instalações da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva / Museu Nacional de Artes Decorativas. Custeado por fundos comunitários europeus (F.E.D.E.R.), contruiu-se um novo prédio num antigo espaço ajardinado confinante com a primitiva «Cerca Velha» lisboeta, junto ao topo norte do Palácio dos Condes de Azurara, sede da Fundação. A nova edificação implicou o rebaixamento do solo e a criação de dois pisos em profundidade. A despeito destes contornos, o projecto não considerou quaisquer trabalhos arqueológicos, nem a presença expectável de contextos relevantes no local.

Durante os trabalhos de construção civil ocorreu o desabamento do topo norte do Palácio Azurara. Foi na sequência deste episódio que, em 2 de Agosto de 1993, um operário que havia já trabalhado em Arqueologia com o signatário se dirigiu ao entretanto extinto Gabinete Técnico do Teatro Romano (adiante G.T.T.R.L.), alertando para as ocorrências arqueológicas que se iam verificando no local e sendo portador de diversos recipientes cerâmicos intactos e outros objectos por ele colectados no espaço entretanto escavado na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.

Feitos os contactos pelo Sr. Dr. António Dias Diogo, então responsável do G.T.T.R.L., com o Director do Departamento de Arqueologia do ex-I.P.P.A.R. à época, o Sr. Dr. Fernando Real, foi por este solicitado ao organismo camarário que procedesse a uma acção de

Figura 1  
Localização da intervenção arqueológica realizada em 1993 na Fundação Ricardo espírito Santo Silva (Lisboa), com indicação da sua relação com o Castelo de São Jorge e a zona das antigas Portas do Sol da muralha medieval da cidade denominada «Cerca Moura».



emergência dada a indisponibilidade dos técnicos do organismo da administração central, envolvidos noutras escavações na cidade (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros e Claustros da Catedral).

O salvamento recebeu o acrónimo L.P.S. (de Largo das Portas do Sol) e foi da responsabilidade científica exclusiva do coordenador do G.T.T.R.L., como todas as acções promovidas por este organismo camarário entre 1989 e 1998. Desenvolvida no terreno pelo signatário entre 4 e 27 de Agosto de 1993, contou com apoio pontual do técnico municipal Moisés Costa Campos e de Horácio José João Afonso, ao tempo estudante de Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O empreiteiro, a firma Arquicon, cedeu também apoio de mão-de-obra não especializada.

No momento em que se verificou o salvamento arqueológico conduzido pelo G.T.T.R.L., toda a potência dos restantes c.400 m<sup>2</sup> havia sido destruída sem qualquer registo arqueológico. As observações produzidas respeitaram, portanto, a uma estreita faixa de configuração quase rectangular perfazendo menos de 15 m<sup>2</sup>, equivalentes de forma genérica ao compartimento do topo do Palácio Azurara que desabara durante as obras. O espaço escavado possuía cerca de 2,30 m de largura máxima e 5,70 m de extensão, conservando uma potência estratigráfica antrópica ligeiramente superior a 6,20 m.

Apesar das limitações impostas pela reduzida dimensão da área escavada, as entidades identificadas assumem um importante significado para as leituras da dinâmica urbana da zona, como se iria depois constatar no vasto espaço confinante com o exterior da «Cerca Velha» na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, através dos trabalhos arqueológicos aí executados entre 1996 e 1997 sob a responsabilidade de Ana Gomes e Maria José Sequeira (Gomes e Sequeira, 2001).

Alguns dos elementos resultantes da intervenção de 1993 foram já publicamente divulgados repetidas vezes, designadamente os contextos e cerâmicas da Idade Moderna (Diogo e Trindade, 2000) e uma estrutura negativa de perfil em V, datada pelo responsável do período republicano romano em comunicação oral à Mesa Redonda “*Os Fenícios no Extremo Ocidente: estado da questão*” (Almada, 19 a 21 de Outubro de 1999), também já referenciada noutra bibliografia (Pimenta, 2005, p.134, nota 72).

No momento em que se perfizeram já duas décadas sobre a escavação, e por não só os dados relevantes para o período romano teimarem em permanecer no essencial inéditos como, também, por o autor ter executado no terreno a intervenção e procedido depois, ao longo de 1994, ao registo gráfico de todo o espólio recolhido, vem-se, no presente trabalho, apresentar os materiais e contextos de Época Romana, tendo-se cotejado os elementos antes registados com a observação das colecções que deram entrada no Museu da Cidade, hoje à guarda do Centro de Arqueologia de Lisboa.

## ***2. A leitura possível sobre os contextos de Época Romana<sup>2</sup>.***

A intervenção arqueológica de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva foi executada de acordo com os princípios metodológicos enunciados por Mortimer Wheeler e Kathleen Kenyon, o que significa que os depósitos foram exumados seguindo os seus limites naturais, na ordem inversa da sua formação e numerados sequencialmente do mais recente para o mais antigo. Este aspecto assume relevância para a compreensão das entidades de Época Romana, na medida em que os registos gráficos e fotográficos da escavação supõem-se permanecer na posse do responsável científico, não se conservando nos organismos da administração central ou do município cópias dos mesmos ou qualquer outra

informação conhecida, salvo as indicações manuscritas de proveniência do espólio. No local foram reconhecidas quatro “camadas” sequenciais de pendente SO-NE, de espessura variável, com os números “17, 18, 20, 21, 22 e 23”. Qualquer uma delas continha material cerâmico, o que inclui a olaria de construção e, no caso de “20”, vários fragmentos

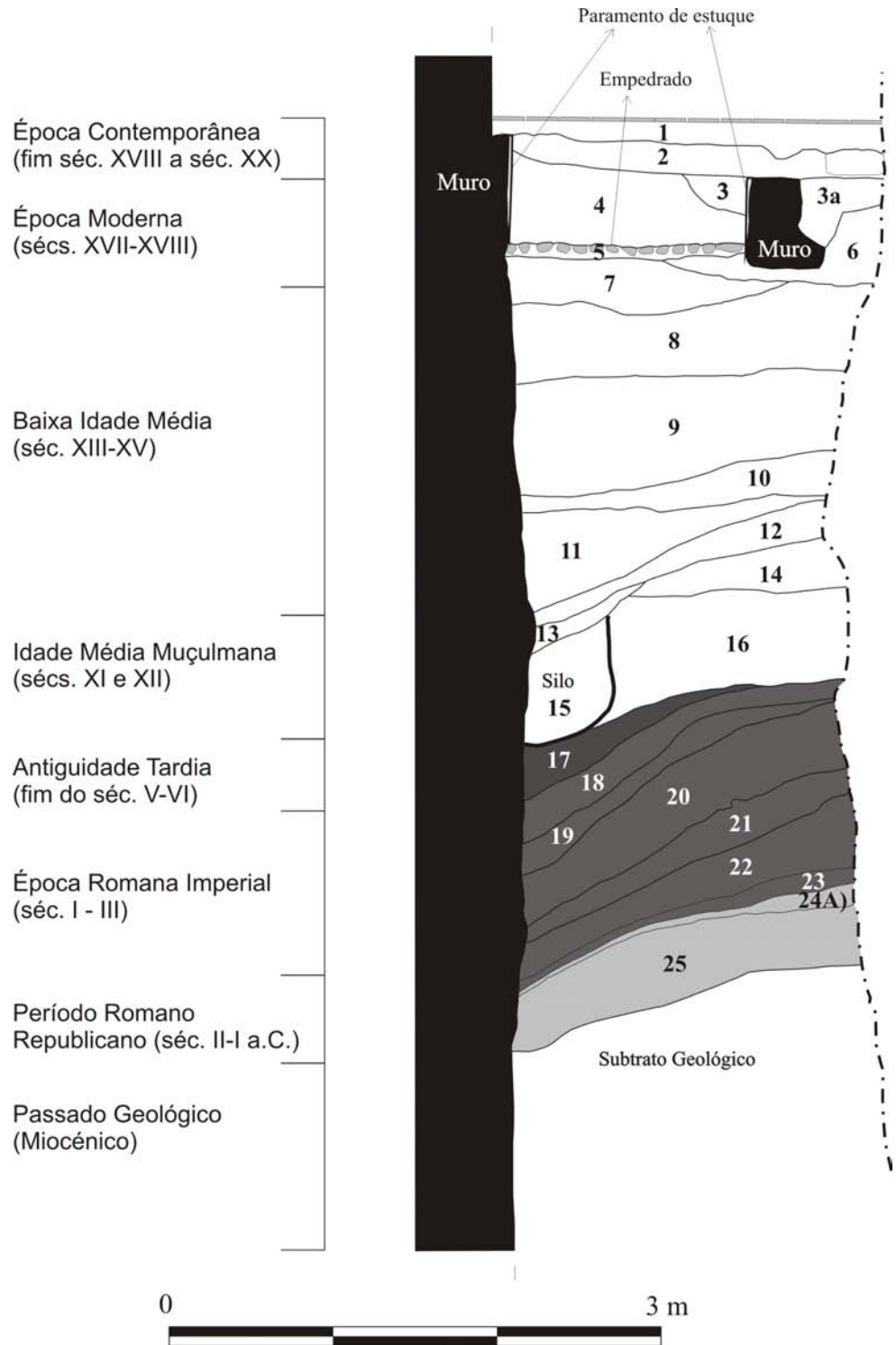


Figura 2  
Perfil estratigráfico  
junto do limite  
NE da sondagem  
intervencionada em  
1993 na Fundação  
Ricardo Espírito  
Santo Silva (Lisboa)  
com indicação das  
cronologias atribuídas.

de um mesmo fresco parietal. Apesar de homogéneas no que respeita à sua configuração, tanto quanto se induz da única representação gráfica disponível da estratigrafia, encerram bem distintas datas de formação em função do espólio associado.

Na “*camada 17*” foram recolhidos elementos de ampla cronologia: a nível anfórico, para além de uma asa de rolo de contentor da Id.Ferro e de uma outra de pasta campana de Dressel 1 ou afim (n.i.), foram recolhidos dois fragmentos com bordo de Dressel 14 lusitanas (501 e 539- Fig.4), uma asa de Dressel 20(?) (487- Fig.4) e uma outra, preservando também parte do colo, de Haltern 70(?) (451- Fig.4), ambas provindas do Guadalquivir, e, por fim, um bordo de Beltrán IIb (450- Fig.4) procedente da Bética costeira; nas cerâmicas comuns, todas denunciando fabricos regionais, encontra-se atestado um fragmento de bordo de pote (705- Fig.4), morfológicamente corrente na Id.Ferro, que todavia pode encerrar cronologias ligeiramente posteriores, conjuntamente com loiça de cozinha documentada em contextos do Alto Império (489, 492, 522 e 525- Fig.4; conf. Moita, 1968; Silva, no prelo) e outra, da mesma classe, romana mas claramente posterior (476 e 535- Fig.4); no âmbito da *terra sigillata* pontuavam um fundo de *Cerâmica do Tipo Peñaflores* (2777- Fig.4), do séc. I d.C., fabricos africanos do grupo da D (478-480- Fig.4) e focenses tardios (477 e 2449- Fig.4, este encontrado descontextualizado mas com probabilidade oriundo da mesma unidade). Um vidro inclassificável alto-imperial (n.i.) foi também conservado.

Interessa discutir o conjunto da *sigillata*, o de maior utilidade para a aferição cronológica da “*camada 17*”. Nele, o elemento de mais recuada cronologia equivale a um fundo de prato do tipo Martínez III em *Cerâmica do Tipo Peñaflores*, situável entre os meados do séc. I a.C. e o I d.C. (Amores e Keay, 1999). No caso presente, à boa qualidade do revestimento associa-se uma pasta muito depurada, com o cerne cinza e as superfícies mais rosadas. Apesar da sua coloração não coincidir com a descrição dos fabricos da área gaditana (Bustamante Álvarez e Huguet Enguita, 2008), como por exemplo os atestados na olaria de Jardín del Cano (Puerto de Santa María, Cádiz- López Rosendo, 2008), esta circunstância poderá explicar-se pela sobrecozedura que o exemplar do Largo das Portas do Sol patenteia, e que também lhe manchou intensamente o revestimento. Uma origem na baía de Cádiz afigura-se, por isso, como provável.

Na amostragem da classe de “cerâmica fina” em análise pontuam um bordo do tipo Hayes 99A e um fragmento de fundo, eventualmente da mesma morfologia, em *sigillata* clara africana D (Af.Cl. D). Esta forma, produzida sobretudo nas oficinas de Oudhna (Tunísia), detém uma datação revista criticamente por Michel Bonifay: inicialmente remetida para o séc.VI por John Hayes (1972), este dado seria depois recuado para o terceiro quarto do séc.V em função dos elementos de *Conimbriga* (Delgado *et al.*, 1975; Hayes, 1980); posteriormente, Tortorella (1986) e Aquilé Abadías (1989) remeteram o início da produção da forma para momentos mais precoces do séc.V, hipóteses rechassadas por Mackensen, que a situou nas duas últimas décadas do séc.V, pelo mais cedo (Mackensen, 1993); sendo uma morfologia por excelência do séc.VI, é hoje admissível que o fabrico das variantes C e D «80B/99» se prolongue já bem dentro do séc.VII (Bonifay, 2004: p.181).

No âmbito da *sigillata* focense foi identificado o comum tipo Hayes 3. O exemplar 477 (Fig.4), por ostentar a característica decoração obtida a roletilha e a proporção altura x largura do bordo dada, é integrável na variante E, tal como definida por J.W.Hayes (1972), que Andrea Carandini situa a partir dos finais do séc. V (Carandini, 1981: p. 252). 2449 (Fig.4), por seu turno, e recorde-se que recolhido fora de estratigrafia, é um vaso isento com a mesma tipologia, podendo ser enquadrado na variante C de

Hayes, a que os mesmos investigadores atribuem uma data em torno de 460-475 d.C. (Hayes, 1972; Carandini, 1981), encerrando portanto uma ligeira maior antiguidade. Deste modo, uma cronologia situável em torno das últimas décadas do séc. V d.C. ou já no seguinte, pelo menos, assoma como a mais provável para a formação da “*camada 17*”, explicando-se a presença dos elementos mais antigos, cobrindo com segurança os períodos romano republicano, alto e baixo-imperial, através da remobilização de materiais oriundos de níveis mais antigos.

Para as “*camadas 18, 19, 21 e 22*”, a informação artefactual é escassa, e quase todos os poucos elementos associados não permitem representação gráfica, sendo portanto pouco conclusivos. A única observação a reter é a de que, como antes, ocorrem igualmente cerâmicas da Id.Ferro-período romano republicano, aqui ilustrado por um pequeno fragmento de asa, talvez atribuível a uma ânfora do tipo Maña C2b (s/n- Est.5).

Situação distinta ocorre em “*20*”, onde o material é abundante e diversificado, sendo que a representação da unidade no desenho da estratigrafia disponível é enganadora, na medida em que assumia apreciável potência na área escavada arqueologicamente mais para oeste do perfil.

Nesta “*camada 20*” se recolheram, de novo, cerâmicas cobrindo um espectro alargado, embora bastante mais restrito que em “*17*”: entre o material anfórico conta-se um grupo expressivo de fragmentos de Haltern 70 oriundas do Guadalquivir (506, 639, 649 e 701, a que talvez se possam acrescentar outros recolhidos entre terras alúidas como 2803 a 2805- Fig.5), um bordo de Dressel 7/11 da baía gaditana (547- Fig.5), um fundo de ânfora vinária gaulesa, porventura do tipo Gauloise 4 (545, e talvez 2548- Fig.5, um outro exemplar idêntico, desprovido de contexto), um bordo de “*Tripolitana Antiga* (s/n- Fig.5) e, por fim, um bocal e uma asa do grupo de “*ânforas lusitanas antigas*” (Fabião, 2008) (554 e 699- Fig.5, podendo talvez incluir-se aqui a parede com porção de asa 2518- Fig.5, colectada fora de contexto); o grupo das cerâmicas comuns, como o restante maioritariamente muito fragmentário, é por isso limitado em termos de vasos classificáveis, mas nele merecem destaque um bordo e um recipiente conservando o perfil completo de potes globulares de produção regional (681 e 580/589/637... - Fig.6) que, por terem sido elaborados com muito depuradas pastas micácias e ostentarem morfologias dos bordos e fundo próximas de protótipos mais antigos, documentam elaborações de longa tradição mas que perduraram seguramente até datas tibérias e cláudias, pelo menos, de acordo com os poucos contextos já estudados e publicados de Lisboa, da Praça da Figueira (Silva, no prelo); registe-se, de igual forma, a importação de duas garrafas asadas (?) em cerâmica comum de elaboração gaditana (651-655- Fig.6).

Estando as “*cerâmicas finas*” (*sigillata*, lucernas,...) aqui ausentes, os restantes elementos são ainda assim os suficientes para garantir uma data alto-imperial romana, nomeadamente o perfil global da amostra (Idem), denunciando um momento muito centrado no período julio-cláudio, a que foge talvez ao panorama a presença do fundo de ânfora Gauloise 4(?). Terá que se admitir portanto ou uma data julio-cláudia, admitindo a ocorrência gaulesa como resultado de intrusão ou deficiente recolha ou, em alternativa, uma formação um pouco mais tardia a despeito da generalizada homogeneidade do conjunto.

Fora das considerações de âmbito cronológico, a “*camada 20*” proporcionou a recolha de um muito significativo elemento, infelizmente hoje em paradeiro desconhecido: trata-se de uma ponta de lança em ferro (s/n- Fig.6), de que em 1994 foi somente efectuado o registo fotográfico anterior ao restauro, que chegou a ser realizado. O elemento de armamento mostrava afinidades com o tipo VIIA definido por Quesada Sanz (1997), que este autor situa entre os séculos V-III a.C. (Idem, p.358), mas uma data mais ampla é ad-

missível, e a sua filiação de fabrico eventualmente indígena nenhuma implicação tem em matéria da identidade política do seu possuidor (Idem, 2006).

Muito menos potente que a unidade anterior, “23” forneceu exígua amostragem, ainda assim significativa: um bordo de taça em fabrico regional muito depurado (558-Fig.6), possivelmente da Id.Ferro, e um pequeno fragmento do bojo (567- Fig.6), de fabrico depurado e micácio, macroscopicamente assimilável ao pote de perfil completo antes mencionado a propósito da “camada 20”. Nele estava visível parte de um grafito pós-cozedura executado com ponta muito fina, onde se lia somente (...)IINA= (...?). Com a insegurança inerente à dimensão da amostra, o elemento epigráfico parece sugerir uma insegura data dentro do pleno domínio romano.

Atendendo à localização suburbana em relação à cidade antiga (Ribeiro, 1994; Silva, 2000 e 2011), e à inexistência de quaisquer estruturas associadas, parece mais provável que as referidas “camada 17” à “camada 23” equivalam a formações ocasionadas por despejos detriticos urbanos, num caso contendo eventuais elementos de uma obra (20), não sendo possível, porém, afirmar desta funcionalidade de forma categórica.

Todas as restantes “camadas”, “24 a 29”, continham elementos cobrindo um espectro cronológico da Idade do Ferro ao período tardo-republicano romano, em exclusivo. E são estes que interessam de sobremaneira valorizar nesta ocasião, por virem acrescentar um outro dado até agora mantido quase inédito aos importantes contextos tardo-republicanos identificados na cidade de Lisboa, com particular destaque para os da área do Castelo de S.Jorge (Pimenta, 2005; Pimenta *et al.*, no presente volume). No local foram exumados pouco mais de dois metros de extensão de uma estrutura negativa de perfil em V e fundo aplanado, escavada nas argilas que constituíam o substrato geológico. Como se fez referência antes, foi já publicamente divulgada por Dias Diogo (conf. Pimenta, 2005: p.134, nota 72) e interpretada por este investigador como equivalente a uma edificação de cariz defensivo datada do momento de incorporação de *Olisipo* na esfera de Roma, i.e., assimilável às campanhas de *Decimus Iunius Brutus*.

O nível geológico na qual foi aberta a “vala” apresentava uma muito suave pendente SO-NE, sendo quase plano para oriente. Na parte mais a oeste da Sondagem efectuada em 1993 registou-se uma sobreposição de estratos pouco espessos formando uma subida de cota em formato de talude (“camadas 24B, 24C, 24D, 24E, 24F e 29”) de que não se reconheceu a parte voltada ao interior da encosta do morro do Castelo, para oeste. Não é possível no momento, e em função dos dados disponíveis, garantir categoricamente que estas entidades estratigráficas compunham uma outra estrutura, neste caso “positiva”, explicação que se afigura todavia como plausível.

Cobrindo este “talude”, mas também o enchimento da “vala” e o substrato para leste, depositaram-se as “camadas 24A)” e “25”.

Numa outra intervenção arqueológica desenvolvida entre 1996 e 1997 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, entre a muralha medievá e a área escavada em 1993, uma plataforma de cota mais elevada foi ali identificada (Gomes e Sequeira, 2001). Contudo, e apesar de ambas as intervenções arqueológicas serem praticamente contíguas, a leitura dos dados não permite descortinar com clareza como as duas realidades (plataforma e “vala”-“talude”) se articulavam no passado.

Convém, portanto, isolar dentro deste “universo” os horizontes bem distintos detectados em 1993 (vide Figura 3):

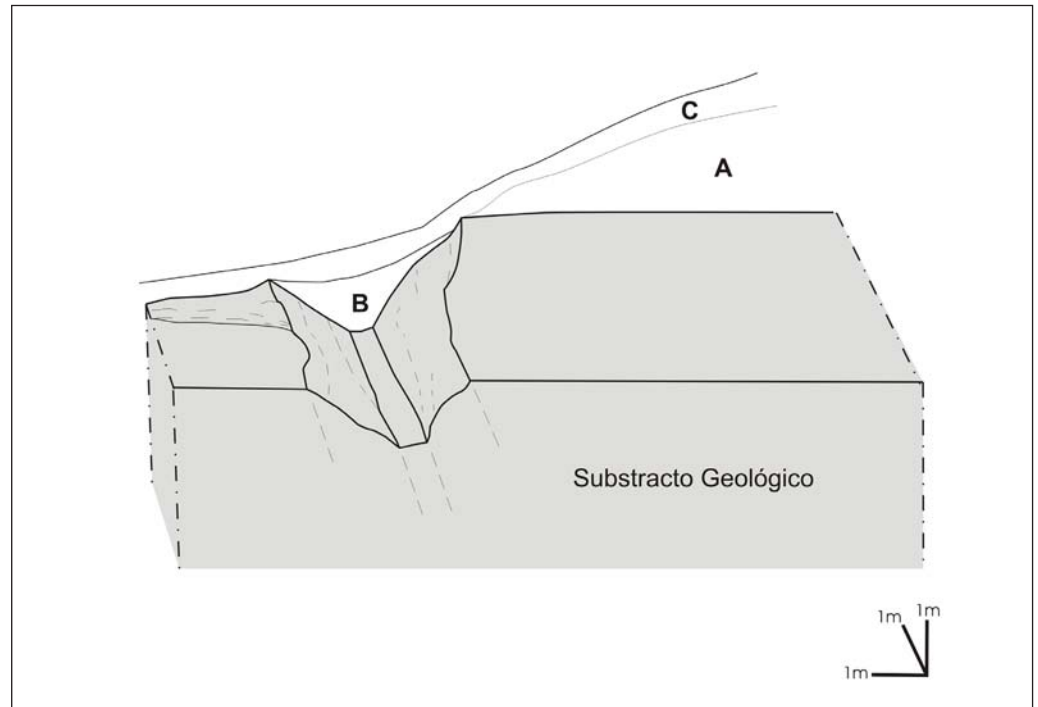


Figura 3  
Reconstituição  
axonométrica do  
fosso.

**A-** os referentes à conformação do “talude” associado à “vala”, as já antes citadas “camadas 24B, 24C, 24D, 24E, 24F” e “29”;

**B-** a colmatação da estrutura negativa equivalente às “camadas 26, 27” e “28”, conforme aliás expressamente o indicam os apontamentos manuscritos das indicações de recolha e que acompanham os desenhos de peças realizados em 1994;

**C-** por fim, as “camadas 24A” e “25”, esta justaposta pela antecedente, que cobriam A e B, por consequência geradas nos momentos mais avançados do conjunto da sequência; a este último propósito será de notar que “25” preenchia no vértice SE da sondagem uma afectação antiga de substrato e interface da “vala”.

Por conveniência de análise, designar-se-há de seguida o conjunto dos distintos depósitos pela letra que designa a leitura do faseamento dada.

Assim, em “C” pontua um conjunto de materiais de homogeneidade mais aparente que real. Deste modo, na “camada 24A” figuram ânforas tardo-republicanas tirrénicas do tipo Dressel 1 (793, 796 e 852- Fig.7), duas taças em “Cerâmica Cinzenta Fina” (849, 743- Fig. 7), bordos de potes ou *pithoi*, como também de taças em pasta muito depurada, formas radicadas na Idade do Ferro ou com esta tradição (724, 772, 795, 727 e 250- Fig. 7, respectivamente), e um bordo de tampa também em cerâmica comum de provável origem itálica (841- Fig. 7). Uma parede pintada pelo exterior em bandas negras, vermelhas e brancas deverá encerrar datação mais recuada (780- Fig. 7). O elemento de data mais recente é prevalente sobre o restante conjunto, sendo decisivo para fixar a data de “24A”): trata-se de um bordo de “Cerâmica de Tipo Peñaflo” da forma Martinez IIb, fabricos que, apesar de comuns em contextos da Época de Augusto e Tibério do meio-dia peninsular surgem ainda nos finais do período romano republicano, estando documentados nas es-



tratigrafias de *Celti* com datas associadas de 50-30 a.C. (Amores e Keay, 1999, p.242) No que respeita à “camada 25”, apesar de integrar o mesmo segmento da sequência que “24A”, que como se viu deverá encerrar uma data tardo-republicana a alto-imperial romana, a amostragem cerâmica é mais não só mais ampla como talvez consentânea com momentos um pouco anteriores, genericamente situáveis entre aos últimos decénios do séc. II a.C. e os meados do séc. I a.C.: identificou-se ali um bordo de ânfora Dressel 1A campana (1401 Fig. 7), duas asas do mesmo tipo ou afim (1402 e 1241- Fig. 7), um bordo de ânfora do tipo Maña-Pascual A4 (1325- Fig.8), dois bordos das morfologias inseridas na forma Pellicer D denunciando fabricos taganos (1324 e 1326-Fig. 8), e quatro asas de rolo associáveis à “família” de contentores fenício-púnicos (1327, 1328, 1331 e 1403- Fig.8) e, finalmente, dois pequenos fragmentos de asas com pastas da área da baía gaditana, muito provavelmente atribuíveis ao tipo “CCNN” ou 9.1.1.1 de Ramón Torres (1995); de novo acompanham este conjunto anfórico as “Cerâmicas Cinzentas Finas” (1315, 1366, 1396[a] e 1396[b]-Fig.8), como taças e potes elaborados com pastas bem depuradas que radicam nas tradições da Idade do Ferro locais (1321, 3122, 1323, 1344, 1347, 1349, 1350, 1354 e 1383- Fig. 9), e um fragmento de parede com pintura em banda branca com “orifício de suspensão” (1294-Fig.9). Globalmente, e apesar das suas limitações, a amostragem anfórica mostra estreitas afinidades com contextos republicanos romanos já conhecidos da cidade de Lisboa e respeitantes ao lapso c.138-100 a.C. (Pimenta, 2005), o que é corroborado pelo remanescente das cerâmicas, podendo encerrar significado neste âmbito a sugestiva afinidade morfológica do exemplar em “Cerâmica Cinzenta Fina” 1396[b]-(Fig.8) com os copos itálicos em “Cerâmica de Paredes Finas” do período republicano.

As estratigrafias que compõem “B”, a colmatação da “vala”, integram três distintas unidades, igualmente com distintas expressões materiais: embora nas duas superiores (“camada 26” e “camada 27”), as menos potentes, se tenham identificado fragmentos de parede de ânforas itálicas tirrénicas e sud-hispânicas (entre as quais uma delgada parede talvez do tipo “CCNN”), o que remete para o período romano republicano, nenhum exemplar tipologicamente classificável foi recolhido. O remanescente das cerâmicas integra uns quantos contentores fechados da Idade do Ferro em fabricos regionais (Fig.9) e um pequeno pote asado em “Cerâmica de Verniz Vermelho” de cariz orientalizante (1418-Fig.9), de clara maior antiguidade.

Já os elementos conservados da “camada 28”, a de maior potência em “B” e que assentava directamente sobre o fundo da “vala”, são a favor de uma data situada nos séculos II a meados do I a.C. São aqui numerosos os fragmentos de ânfora com colagem, na maioria pertencentes a ânforas tirrénicas itálicas, estando presentes as pastas dos grupos 3 a 5 definidos a propósito do Castelo de São Jorge por João Pimenta (2005), infelizmente estando ausentes porções da asa, fundo, colo e bordo: destes tão somente se menciona um ombro pouco pronunciado, com as características piroxenas e aguada esbranquiçada exterior (1495,...- Fig.10).

Bem ilustrado está o tipo Maña C2b: um exemplar, achado com a boca virada para cima junto ao interface oeste da vala, na sua zona superior, mostra a totalidade do bocal e colo, e uma parte da parede com arranque de uma das asas (1583,... – Fig.10); dois outros mostram parte da parede superior e asa, um com duas incisões *ante cocturam* nesta (1578- Fig.10), outro com o grafito pós-cozedura IIV(?) na zona da pança, próximo do arranque da asa (1573- Fig.10). Com estes, novamente se assinala a recolha de recipientes fechados (potes/*pithoi*- 1509 e 1557- Fig.10), e um bordo de uma ânfora de morfologia fenício-púnica, no caso muito rolado (1524- Fig.10).

Em síntese, a colmatação da “vala” (“B”) ostenta um conjunto homogé-

neo de elementos concordantes com uma cronologia de formação em torno de um lapso que se situará genericamente no lapso c.138-50 a.C.

Os elementos de mais recuada formação em “A” equivalem à “estrutura negativa”, que apresentava cerca de 2m de largura exterior e uma profundidade máxima próxima a 1,60m, e a uma aparente regularização do substrato, evidente na zona escavada a oeste. Necessariamente que a datação destas duas acções, i.e., rompimento do substrato e seu acondicionamento, se terá que fundamentar nas unidades deposicionais que se lhe sobrepunham, dado o princípio metodológico de escavação aplicado (Harris, 1989). Deste modo, na unidade que se sobrepunha ao substrato, “29”, localizada próximo ao limite oeste da sondagem escavada, a amostragem é exígua. Convém, porém, destacar aqui a presença de uma parede evidenciando a zona de colagem da parte inferior de uma asa de ânfora provavelmente do tipo Maña C2b (n.i.), que funcionará como elemento vital para a fixação de uma data situável entre a segunda metade do séc. II a.C. e os meados do séc. I a.C., pelo menos. Todo o restante conjunto das camadas “24B” a “24F” inclui cerâmicas orientalizantes de mais recuada data, no caso um bordo de “Cerâmica de Verniz Vermelho” (861-Fig.11) e paredes de recipientes com bandas a vermelho e negro (1091 e 1118-Fig.11), como outras de espectro cronológico alargado dentro do I milénio a.C. (vide Fig.11). Reforça, contudo, uma noção de atribuição ao período romano republicano a presença de um fragmento de colo de ânfora Maña C2b (1089-Fig.11) a par de dois fundos ocios sud-hispânicos (940 e 1163-Fig.11), uns poucos fragmentos de paredes talvez daquele tipo e de outros de morfologias anfóricas itálicas encontrados nas mesmas estratigrafias.

### 3. A leitura possível do significado dos contextos romanos detectados na Fundação Ricardo Espírito Santo/Largo das Portas do Sol em 1993.

O perfil da paleotopografia de Lisboa que se pode entrever na Antiguidade para a área do Largo das Portas do Sol acusa a existência de uma ampla plataforma que facilitava o acesso ao interior do que comporia na Idade Média o recinto amuralhado, por ela passando um caminho de longa tradição atestado textualmente desde o período de dominação islâmica, conduzindo à então designada “*Porta do Cemitério*”, depois renomeada na I dinastia portuguesa como “*do Sol*” (Sidarus e Rei, 2001). De facto, e como a escavação de 1996 e 1997 dirigida por Maria José Sequeira e Ana Gomes iria demonstrar, esta zona da encosta oriental do Castelo encerrava distintos socalcos, qualquer delas com ocupações antigas desde momentos recuados, estando atestada uma pontual utilização funerária no séc. III d.C. e, depois, habitacional ao longo dos séculos XI a XIII d.C. (Gomes e Sequeira, 2001), panorama que se repetia na sondagem intervencionada em 1993. Esta característica da zona, i.e., a existência de plataforma ampla, é peculiar na paisagem local, na medida que toda a vertente oriental da Encosta do Castelo mostra, ainda hoje, zonas de declive acentuado desde a zona da Alcáçova até próximo da zona ribeirinha, bem mais a sul nas proximidades das margens do Tejo. Este condicionalismo geográfico seguramente influenciou nas estratégias de ocupação praticadas em *Olisipo*, e é obviamente tentador correlacionar as estruturas detectadas em 1993 com as referências textuais, históricas, e a hipótese de uma necessidade de reforço construtivo no quadro da ocupação militar romana iniciada em 138 a.C. Assume então especial relevância o elemento cronológico, e neste sentido os dados coligidos para os três momentos tardo-republicanos romanos identificados no espaço, que ademais sugerem encerrar datações próximas entre si. Note-se, porém, que a indisponibilidade de “cerâmicas finas” (“cerâmicas de verniz negro”, “cerâmica de paredes finas” e

lucernas) e de numismas recolhidos em contexto conferem ao conjunto de materiais um valor necessariamente limitado, que ainda assim convém discutir um pouco mais detalhadamente.

Quando se atenta ao conjunto global, considerando aqui também os incluídos nas “camadas” de Época Imperial que poderão ter sido remobilizados de áreas próximas, ressalta dele uma relativa homogeneidade como se referiu já: de facto, parece legítimo chamar a atenção para se estar perante parte de um “pacote” já antes identificado em Lisboa, na área do Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005; Pimenta *et al.*, no prelo), que conta com ânforas tirrénicas itálicas Dressel 1A, sud-hispânicas Maña C2b e “CCNN”, “Tripolitanas Antigas”, outras do tipo Maña-Pascual A4 e produções regionais de tradição fenício-púnica (Pimenta, 2005, no prelo e Pimenta *et al.*, no prelo, neste mesmo volume). Convém enfatizar, a este respeito, que noutros pontos da cidade de Lisboa onde se identificaram materiais de Época Republicana, pese embora incluídos em estratigrafias mais recentes como é o caso do Teatro Romano (Filipe, 2008b), Rua dos Bacalhoiros (Filipe, 2008a) ou mesmo no Castelo (Pimenta, 2005), a par dos elementos anfóricos citados ocorrem já outras morfologias mais avançadas dentro do período tardo-republicano, com natural destaque para as elaborações sud-hispânicas como as ovóides béticas, incluindo a Lomba do Canho 67, e a Haltern 70. Esta circunstância tem de ser valorada, na medida em que na área do Baixo e Estuário do Tejo os sítios com datas mais próximas aos meados do séc. I a.C., como Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira- ver Pimenta e Mendes, no prelo, neste volume), Alto dos Cacos (Almeirim- Pimenta *et al.*, 2012) ou Santarém (Bargão, 2006), denotam expectáveis perfis similares de importações predominantemente oriundas da Hispânia meridional, no que Fabião designou como a fase que segue “o princípio de proximidade geográfica nos aprovisionamento militar” (Fabião, 1993), condição que se verifica para qualquer destes sítios ribatejanos. Logo, parece ganhar corpo que o conjunto de entidades reconhecidas em 1993 equivale a formações ocorridas antes, cerca dos últimos decénios do séc. II a.C. a primeiros do I a.C., pelo mais, afigurando-se impossível aferir com maior precisão cronológica os contextos “A”, “B” e “C”. Seja como for, os dados analisados parecem apontar para um tempo de vida curto para a estrutura, sendo sugestiva a sua desactivação ainda durante o período tardo-republicano. Se ela deteve uma funcionalidade “militar”, ou se associou outras a esta, é algo que os

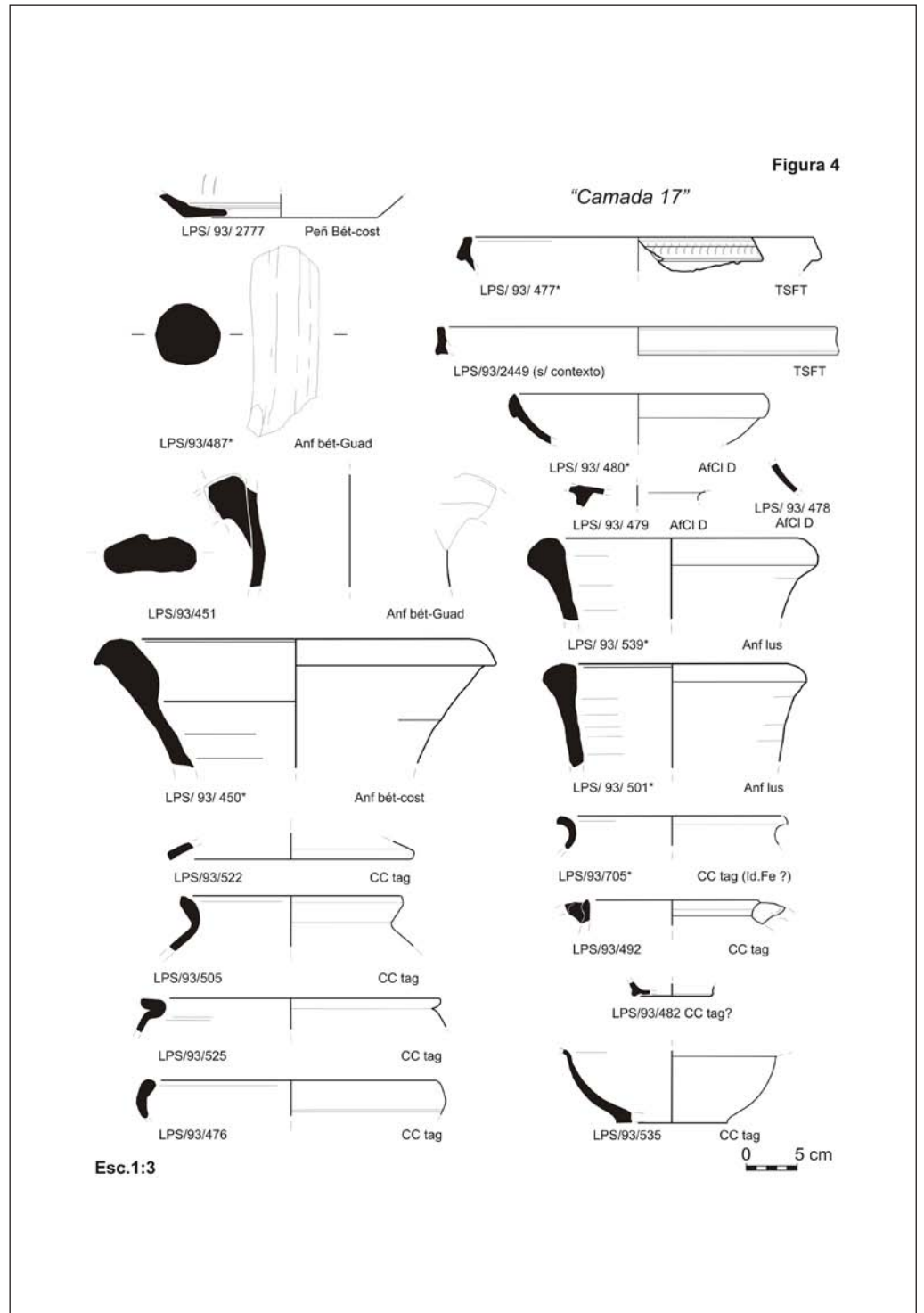


Figura 4  
 Cerâmicas finas,  
 ânforas e cerâmicas  
 comuns do contexto  
 da Antiguidade Tardia  
 “camada 17”.

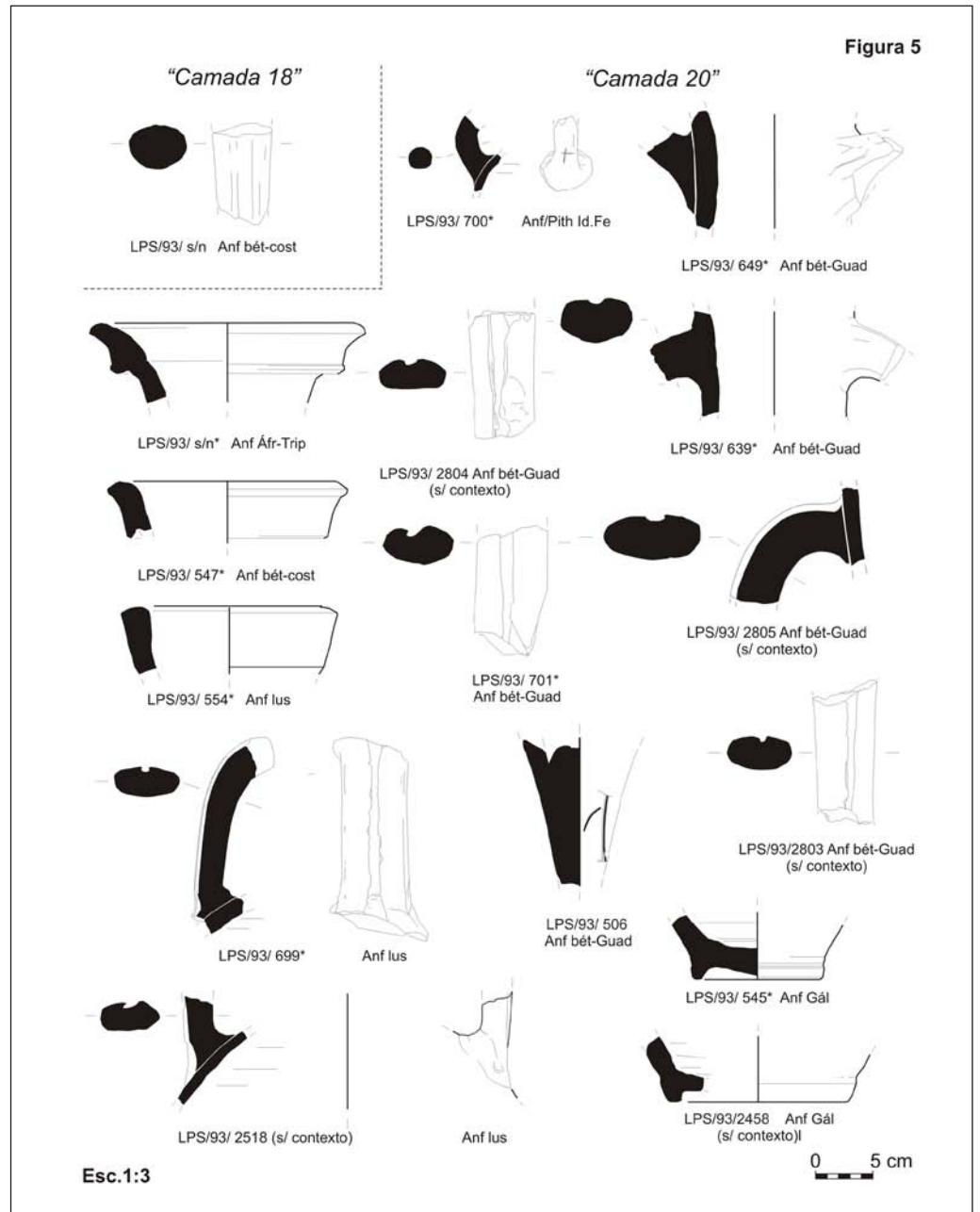


Figura 5  
 Ânforas do contexto  
 Imperial romano das  
 "camadas 18 e 20".

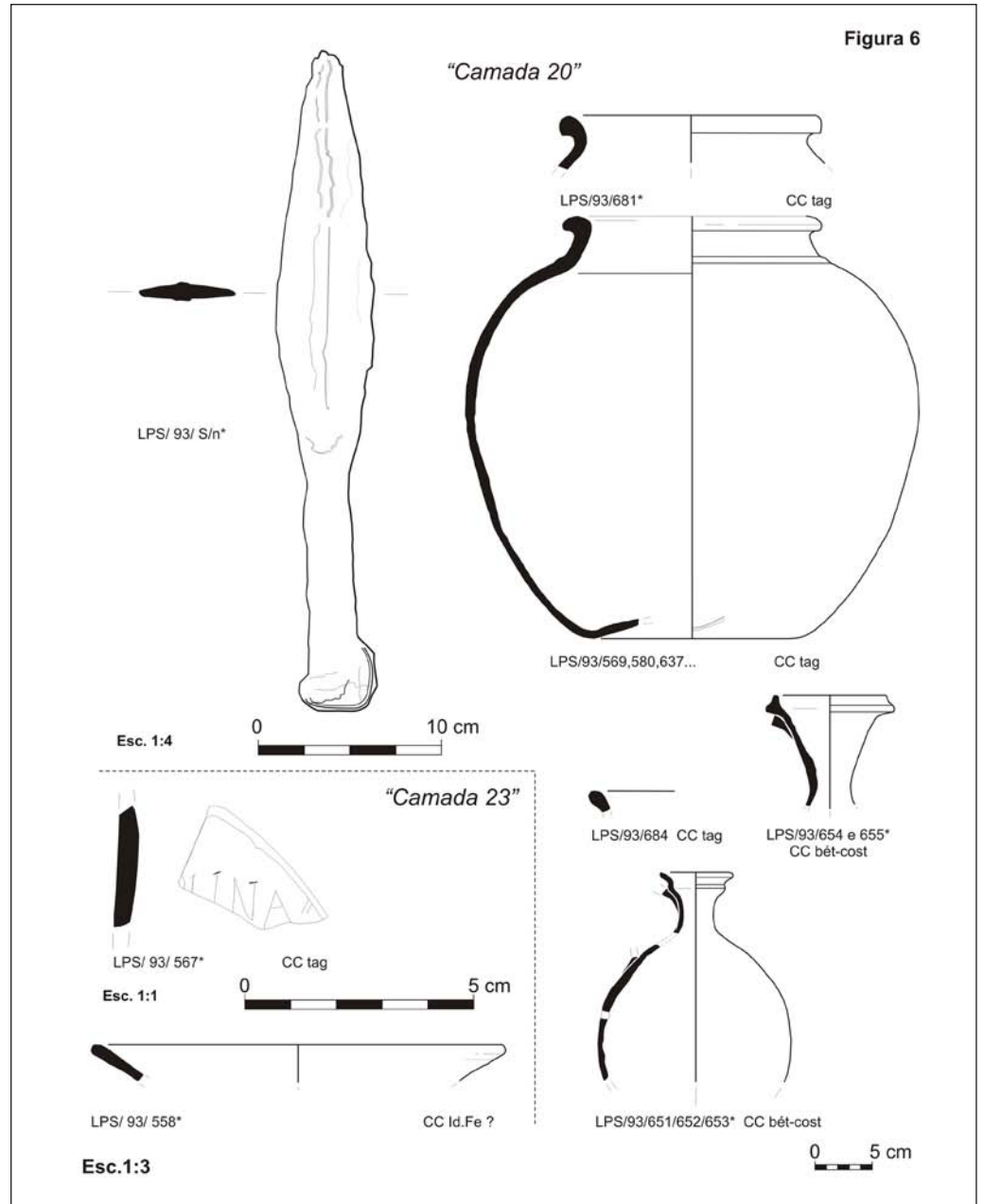


Figura 6  
 Ponta de lança em ferro, "cerâmica cinzenta fina" e cerâmicas comuns do contexto imperial romano das "camada 20 e 23".

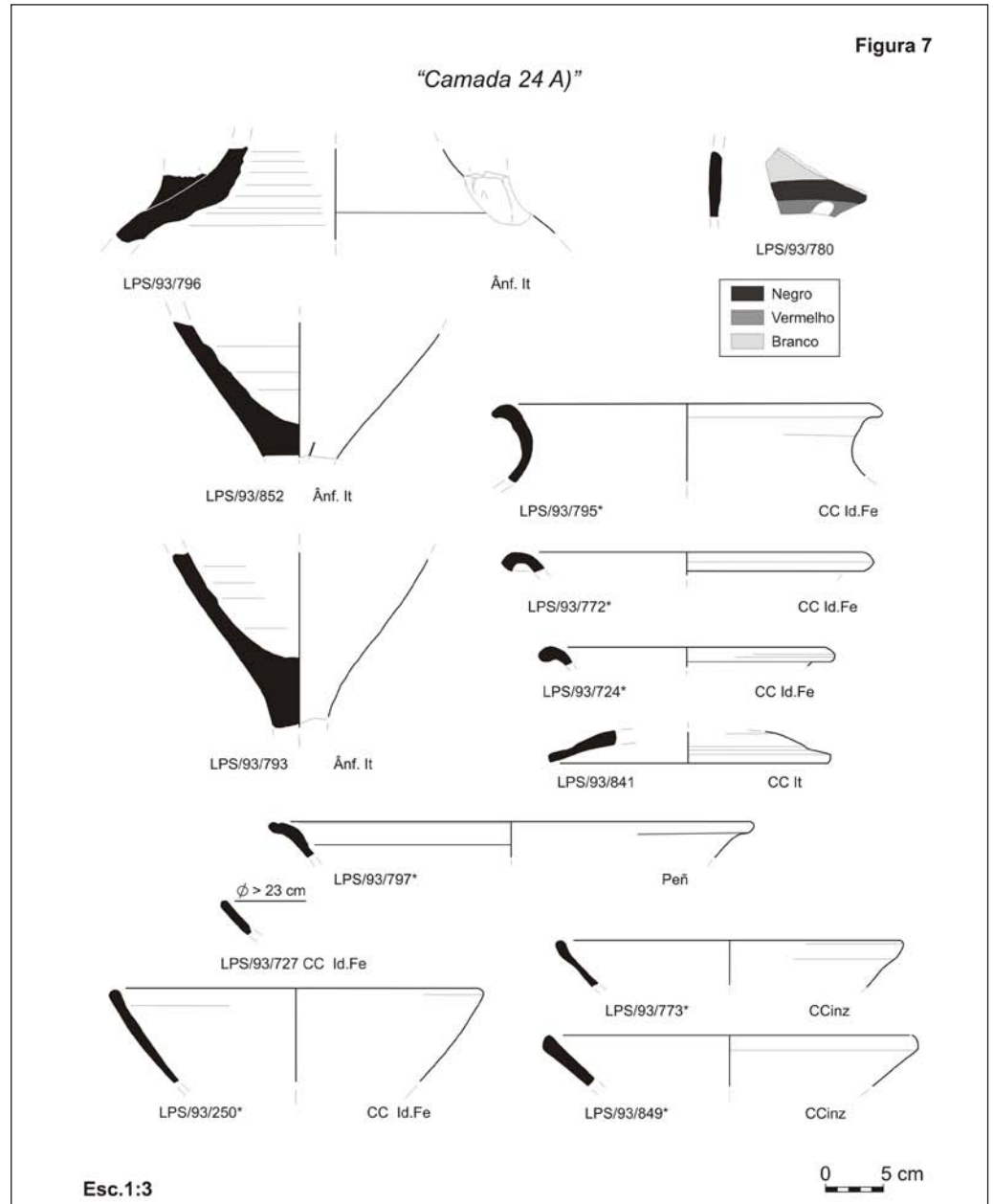


Figura 7  
 Ânforas, “cerâmica cinzenta fina”,  
 “cerâmica de tipo Peñaflor”, cerâmicas comuns e da Idade do Ferro do contexto pós-abandono da estrutura negativa do período republicano romano “camada 24 a)”.

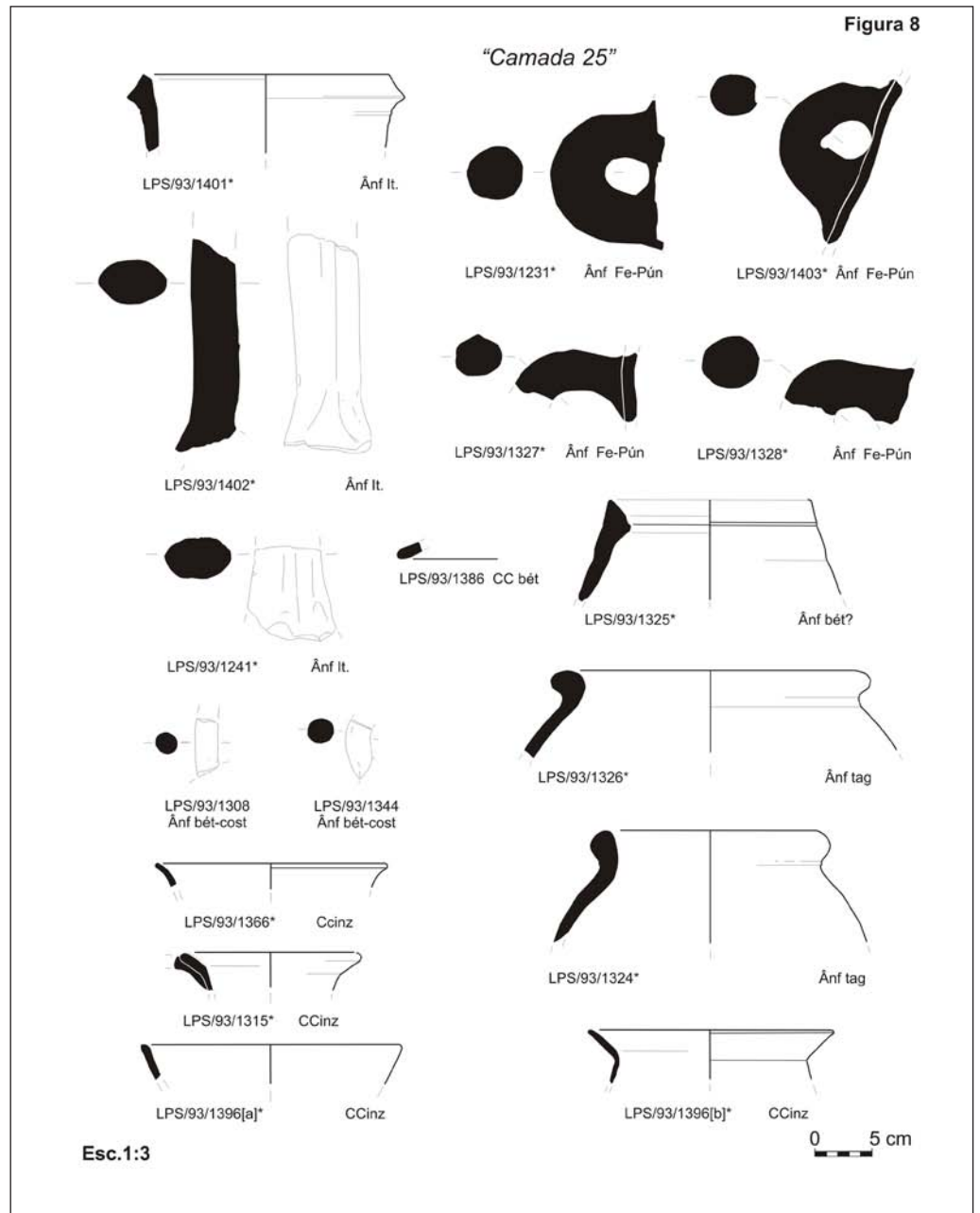


Figura 8  
 Ânforas e “cerâmica cinzenta fina” do contexto pós-abandono da estrutura negativa do período republicano romano “camada 25”.



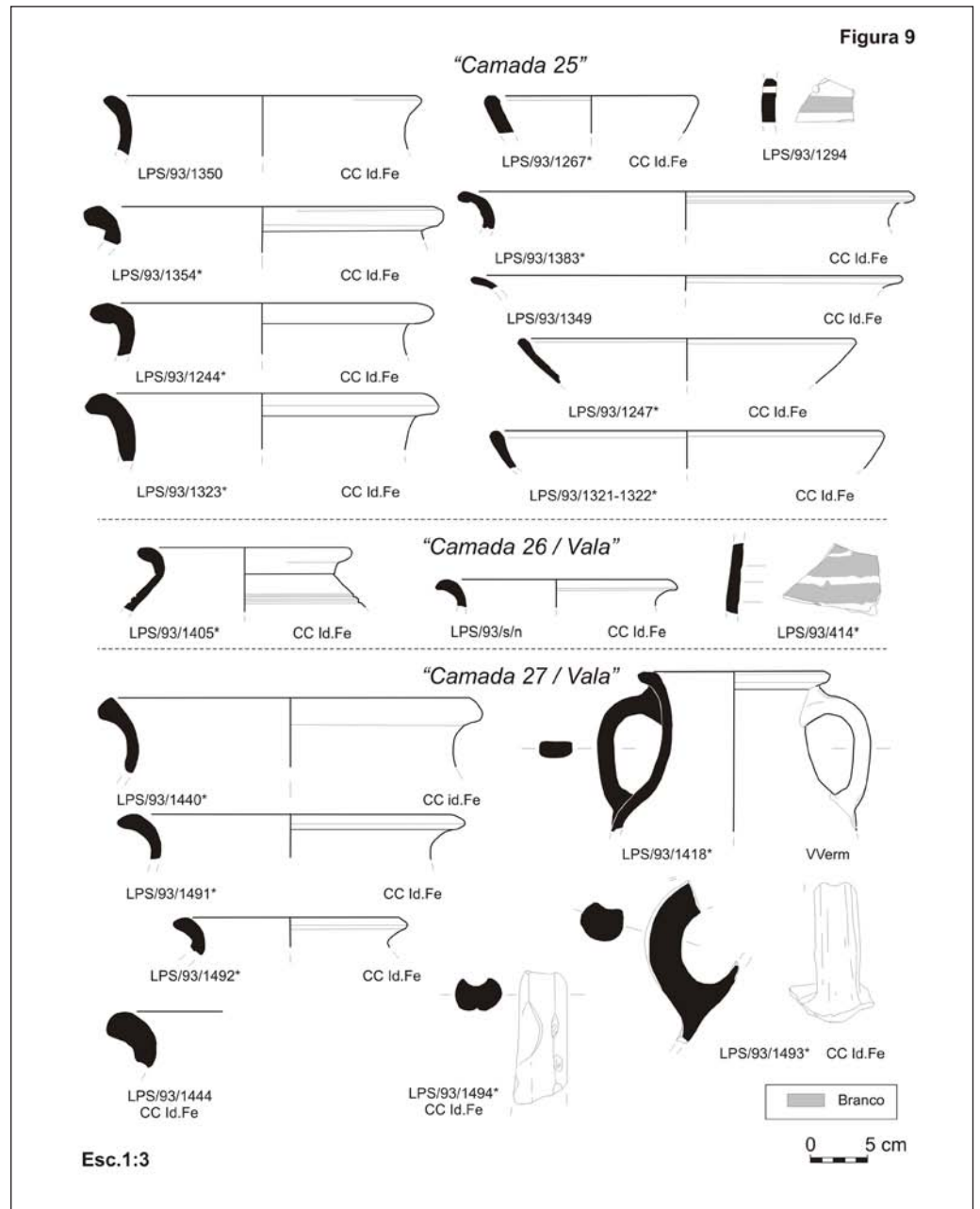


Figura 9  
 Cerâmicas comuns de tradição ou da Idade do Ferro do contexto pós-abandono da estrutura negativa do período republicano romano “camada 25”. Cerâmicas da Idade do Ferro e/ou de tradição do contexto de abandono da estrutura negativa romana republicana “camadas 26 e 27.

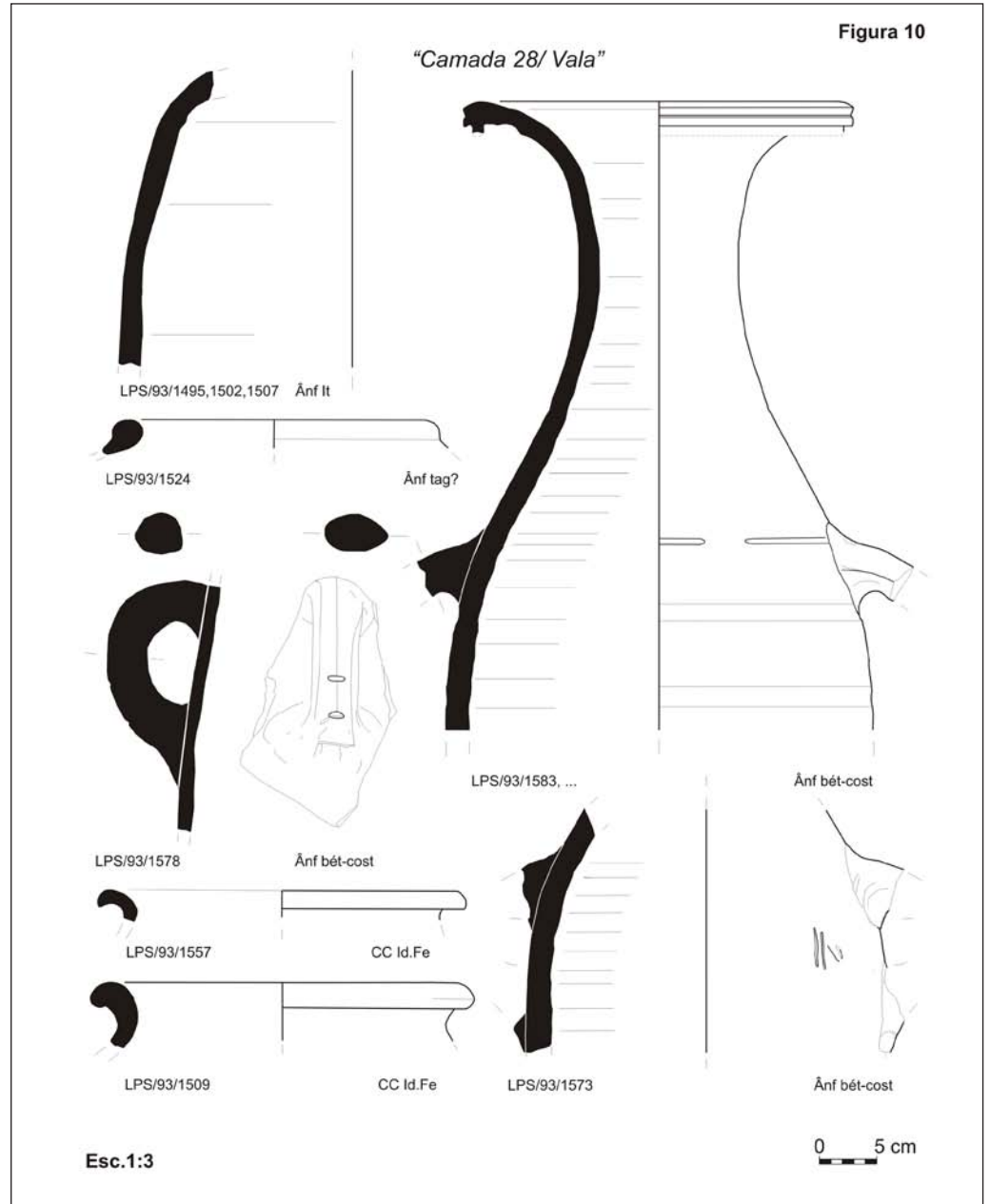


Figura 10  
 Ânforas e cerâmicas  
 comuns de tradição  
 ou da Idade do  
 Ferro do contexto  
 de abandono da  
 estrutura negativa  
 romana republicana  
 “camada 28”.

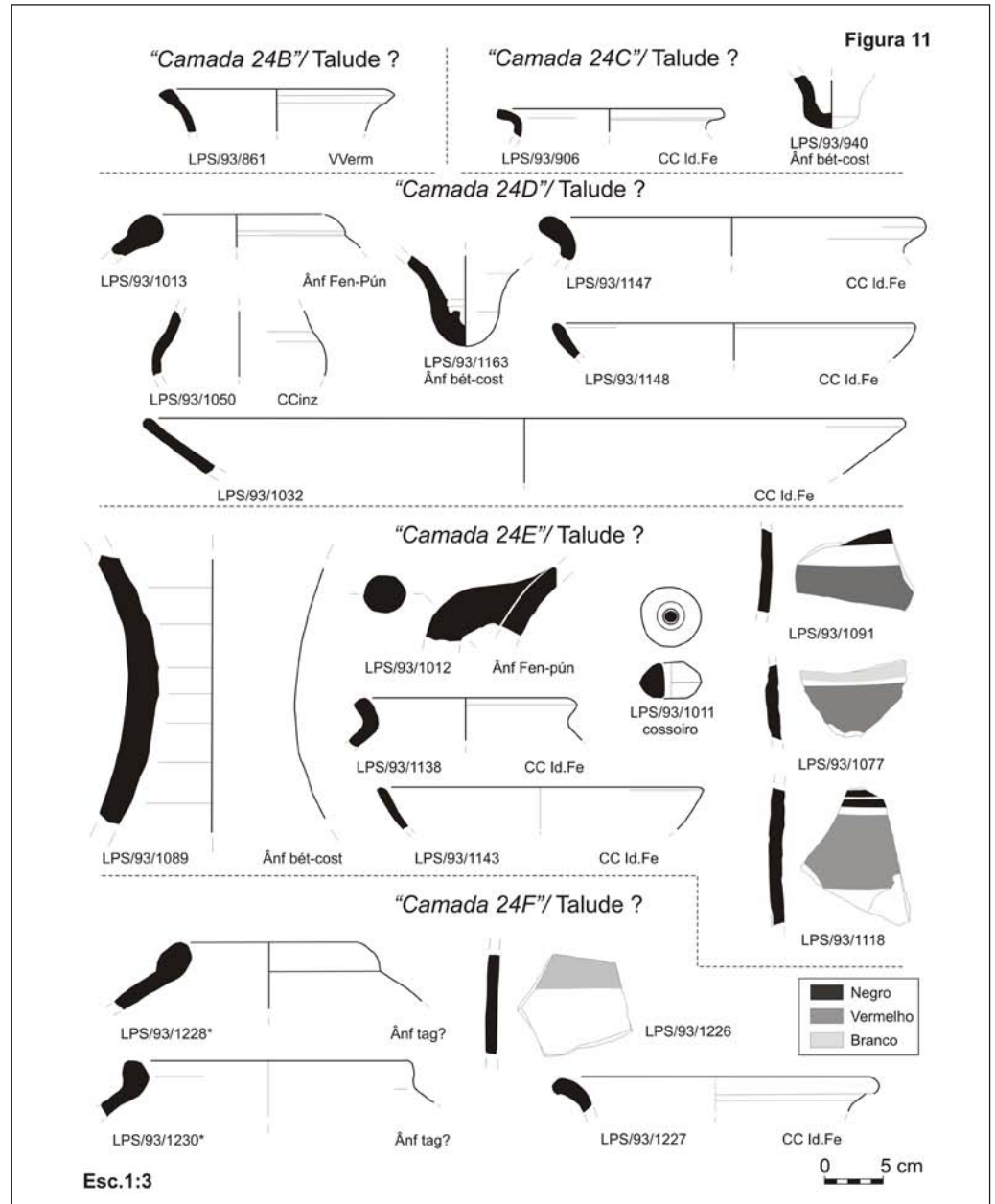


Figura 11  
 Ânforas,  
 cossoiro,cerâmicas  
 comuns de tradição  
 e da Idade do Ferro  
 do contexto estrutural  
 (talude ?) do período  
 romano republicano  
 “camadas 24 b), c), d)  
 e) e f)”.

**BIBLIOGRAFIA:**

- AMORES, Fernando; KEAY, Simon J. (1999)** - “Las Sigillatas de Imitación Tipo Peñaflor o una Serie de Hispánicas Precoces”, in ROCA ROUMÉNS, MRNANDEZ GARCÍA, Maria Isabel (Dir.)- *Sigillata Hispánica: Centros de fabricación y producciones altoimperiales- Homenaje a M<sup>a</sup> Ángeles Mequíz*. Málaga: Universidad de Málaga, p. 235-252.
- AQUILÉ ABADÍAS, Xavier (1989)**- “Terra Sigillata Africana”, in *Un abocador del segle V d.C. en el fórum provincial de Tàrraco*. Tarragona: Taller de Arqueologia (Col. *Memories d’Excavació*, n.º 2), p. 123-155.
- ARCELIN, Patrick; TUFFREAU-LIBRE, M. (Dir.) (1998)**- *La quantificacion des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 avril 1998)*. Glux-en-Glenne : Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (*Collection Bibracte*, n.º 2).
- BARGÃO, Patrícia (2006)** - “As importações anfóricas do Mediterrâneo durante a época romana republicana na Alcáçova de Santarém” (*Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Margarida Arruda*). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).
- BONIFAY, Michel (2004)** - *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. Oxford: Archaeopress (Col. *British Archaeological Reports, International Series*, n.º 1301).
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; HUGUET ENGUITA, Esperanza (2008)** - Las cerámicas “Tipo Peñaflor”, in BERNAL CASASOLA, Darío; RIBERA I LACOMBA, Albert (Eds.)- *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 297 - 306.
- CARANDINI, Andrea (Dir.) (1981)** - *Atlante delle forme ceramiche, I- Ceramiche fine romana nel Bacino Mediterraneo (medio e tardo impero)*. Roma: Instituto della Enciclopedia Italiana.
- DELGADO, Manuela; MAYET, Françoise e ALARCÃO, Adília Moutinho de (1975)** - *Fouilles de Conimbriga. IV (Les sigillées)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- FABIÃO, Carlos (1989)** - *As ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa: Uniarq (Col. *Cadernos de Arqueologia*, n.º 1).
- FABIÃO, Carlos (1993)** - “Romanização - as ânforas romanas”, MATTOSO, José (Dir.)- *História de Portugal*, vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 309 - 313.
- FABIÃO, Carlos (2008)** - “Las ánforas romanas de Lusitania”, in Darío Bernal Casasola (ed.) *Cerámicas Hispanorromanas. Un Estado de La Cuestión*. Cádiz: universidade de Cádiz, p. 501-521.
- FILIFE, Vítor (2008a)** - “Importação e exportação de produtos alimentares em Olisipo: as ânforas romanas da Rua dos Bacalhoeiros”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 15, n.º2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 301 - 324.
- FILIFE, Vítor (2008b)** - *As ânforas do Teatro Romano de Lisboa (Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia orientada pelo Prof. Dr. Carlos Fabião)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História (policopiado).
- GOMES, Ana e SEQUEIRA, Maria José (2001)** - “Continuidades e descontinuidades na arquitectura doméstica do período islâmico e após a conquista da cidade de Lisboa: escavações na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva” *Arqueologia Medieval*, n.º 7, *Actas do Colóquio «Lisboa, encuzilhada de muçulmanos, judeus e cristãos» (850º Centenário da Reconquista de Lisboa)*. Porto / Mértola: Campo Arqueológico de Mértola / Afrontamento, p. 103-110.
- HAYES, John W. (1972)** - *Late Roman Pottery*. Roma: British School of Rome.
- HAYES, John W. (1980)** - *Supplement to Late Roman Pottery*. Roma: British School of Rome.
- LÓPEZ ROSENDO, Ester (2008)**- El alfar romano Altoimperial del Jardín del Cano (El Puerto de Santa María, Cádiz, España), en el contexto económico de Gades”, in *Revista de Historia de El Puerto*, n.º 41. Puerto de Santa María: p. 39-74.
- MACKENSEN, Michael (1993)** - *Die spätantiken sigillata und Lampentöpferheir von El Mahrine (Nortunisien)*. Munique: C.H.Beck’sche (Col. *Münchner Beiträge zur Vor- und Frühgeschichte*, n.º 50).
- MOITA, Irisalva (1968)** - “Achados de época romana no sub-solo de Lisboa”, in *Revista Municipal*, ano 19, n.º 116-117. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 33 - 71.
- MORILLO CERDÁN, Ángel Morillo (ed.) (2006)** - *Arqueología Militar Romana en Hispania, II- Producción y abastecimiento en el ámbito militar*. León: Universidad de León.
- PIMENTA, J. (2005)** - *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Col. *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 41).
- PIMENTA, João; GASPARG, Alexandra; GOMES, Ana; MOTA, Nuno; MIRANDA, Pedro e (no prelo)** - “O estabelecimento romano republicano de Olisipo: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, 16-20- Lisboa”, in *Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo (Vila Franca de Xira, 19-20 de Setembro de 2013)*. Vila Franca de Xira: Câmara e Museu Municipal de Vila Franca de Xira.

- PIMENTA, João; MENDES, Henrique; HENRIQUES, Eurico (2012)** - *O acampamento romano de Alto dos Cacos (Almeirim)*. Almeirim: Câmara Municipal de Almeirim.
- PIMENTA, João e MENDES, Henrique (no prelo)** - “Monte dos Castelinhos-Vila Franca de Xira”, in *Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo (Vila Franca de Xira, 19-20 de Setembro de 2013)*. Vila Franca de Xira: Câmara e Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- PIMENTA, João (no prelo)** - “Os contextos da Conquista. Olisipo e Decimus Iunius Brutus”, in *Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo (Vila Franca de Xira, 19-20 de Setembro de 2013)*. Vila Franca de Xira: Câmara e Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- QUESADA SANZ, Fernando (1997)** - “El armamento ibérico. Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura Ibérica (siglos VI-Ia.C.)”, in *Monographies instrumentum*, n.º3. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl.
- QUESADA SANZ, Fernando (2006)** - “Armamento indígena y romano republicano en Iberia (siglos III-I a.C.): compatibilidad y abastecimiento de las legiones romanas en campaña”, in Angél Morillo Cerdán (ed.), *Arqueología Militar Romana en Hispania, II- Producción y abastecimiento en el ámbito militar*. León: Universidad de León, p. 75-96
- RENFREW, Colin e BAHN, Paul (2000)** - *Archaeology: Theories, methods and practice (3rd Ed.)*. Londres: Thames and Hudson.
- SIDARUS, Adel e REI, António (2001)** - “Lisboa e o seu termo segundo os Geógrafos Árabes”, *Arqueologia Medieval*, n.º 7, *Actas do Colóquio «Lisboa, encuzilhada de muçulmanos, judeus e cristãos» (850º Centenário da Reconquista de Lisboa)*. Porto/ Mértola: Campo Arqueológico de Mértola / Afrontamento, p. 37-72.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2000)** - “As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de Olisipo”, in *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)*, Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus (Col. *Monografias Arqueologia*, 1), p. 193 - 205.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2011)** - “Olisipo”, in *El tratamiento de los Residuos Sólidos en las Ciudades de la Hispania Romana Omenage a X.Dupré i Raventós*. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Col. *Anexos del Archivo Español de Arqueología*, n.º LX), p. 201 - 213.
- SILVA, Rodrigo Banha da (no prelo)** - “Contribuição para a definição dos fácies cerâmicos de Olisipo: o período julio-cláudio”, in *Los fácies cerámicos alto-imperiales en el sul de la Península Ibérica*. Granada: Universidad de Granada.
- SILVA, Rodrigo Banha da; ALMEIDA, Rui; FILIPE, Victor (no prelo)**- “Julio-Claudian lusitanian amphorae from dated contexts from Lisbon”, in *Actas do Congresso Internacional sobre Ânforas Lusitanas (Tróia, 2013)*.
- SOUSA, Elisa Rosa Barbosa de (2011)** - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C. (dissertação de doutoramento em História, especialidade em Arqueologia, orientada pela Sr.ª Prof.ª Doutora Ana Margarida Arruda)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).
- TORTORELLA, Stefano (1986)** - “La ceramica fine da mensa dal IV al VII século d. de C.”, in A. Carginani (ed.), *Società Romana e Impero Tardoantico*, vol. III. Roma/Bari: Laterza, p. 211 - 225 e 819 - 880.
- VIEGAS, Catarina (2011)** - *A ocupação romana do Algarve, Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: Uniarq (Col. *Estudos e Memórias*, n.º 3).

elementos disponíveis não permitem no momento garantir, como também tornam difícil categoricamente conectá-la com as campanhas de *Decimus Iunius Brutus*, hipótese que, apesar viável e aliciante, carece da compaginação com outros dados que a permitam no futuro corroborar.

---

**NOTAS**

- <sup>1</sup> Arqueólogo. Técnico Superior do CAL-DPC-CML. Docente do Departamento de História da FCSH-UNL. Investigador Integrado do CHAM-FCSH e UAç.
- <sup>2</sup> O conjunto de elementos que agora se apresenta colige dados de diversas naturezas: como se induz das referências antes feitas, nem todo o espólio foi depositado na Câmara Municipal de Lisboa ao longo do arrastado processo de extinção do G.T.T.R.L. decorrido entre 1998 e 2004. Parece aliás, e em função dos registos gráficos antes realizados pelo signatário, que precedendo a incorporação de espólio no depósito municipal houve uma selecção das espécies mais representativas, no momento em paradeiro desconhecido. Por esta razão, as que não foram detectadas nas coleções camarárias lisboetas foram devidamente assinaladas nas estampas com um asterisco. A este propósito, e assumindo o desassombro, e porque se trata de uma lastimável situação muito mais generalizada na Arqueologia Portuguesa e em particular lisboeta, é apropriado citar um trecho de Colin Renfrew e Paul Bahn: *“Whatever the reason, deliberate non-publication is a form of theft – in fact, a double theft, involving the misuse of other people’s money and the withholding of unique information. Some archaeologists compound the felony by hoarding finds, which they consider to be their scientific property, deliberately preventing colleagues from gaining access to the material or from publishing research connected with the site”* (Renfrew e Bahn, 2000, p. 481).
- A constatação de que a amostragem se encontra truncada desaconselhou, por essa razão, um trabalho de quantificação sistemática dos elementos de acordo com as metodologias que se julgam mais fiáveis para a apreciação global de conjuntos cerâmicos (ARCELIN e TUFFREAU-LIVRE, 1998), adoptadas de forma mais alargada na recente investigação portuguesa.